



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

Hui servare modum nostri novare libet.
Parcere personis, dicere de vitiis.

Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

O Filozofisno.

Huma cousa he a Filozofia, e outra he o Filozofismo. A Filozofia he, como o está dizendo a etymologia do vocabulo, o amor da sabedoria, e da verdade o Filozofismo he o amor do falso, o amor do sofisma. O verdadeiro Filozofo busca sinceramente a verdade, e muitas vezes reconhece a fraqueza da sua razão, e a submette sempre á Divindade: o Filozofante pelo contrario só procura lixionpear as suas paixões, e para isto põe a razão humana a cima de tudo, e pretende negar até a existencia de Deos. O Filozofo recorre á Revelação Divina para poder explicar os fenomenos do mundo moral; o Filozofante não admite a Revelação, quer, que tudo provenha do accaso, entidade muito mais incomprehensivel, do que os mais obscuros Mysterios, e assenta toda a moral no prazer, e na dor. O primeiro ama a ordem, o segundo só aspira á desordem: aquelle preza a Religião, que reconhece de absoluta necessidade

para o homem; este tem-a por hum sonho, e zomba, dos terrores da vida futura: o Filozofo finalmente está intimamente convencido, que tem hum alma, que ha de sobreviver ao corpo, e dar estreitas contas ao seu Creador, o qual a premiará, ou punirá na razão das suas boas, ou más accções: o Filozofante diz, que não tem alma; que com a morte tudo se acaba no homem; que as penas, ou recompensas não passão além deste mundo; por que não existe outro, e consequintemente gozar de todos os prazeres possiveis he a lei suprema da especie humana.

A doutrina do prazer e da dor, ou o principio do interesse como base de toda a moral he huma consequencia immediata do Materialismo, e Atheismo; por que em verdade como admitirá o senso intimo, e a consciencia, que ha a sancção Divina quem nega a existencia d'alma, e a existencia de Deos? Todavia bem longe está da minha intenção o chamar Atheus, e Materialistas a quantos de boa fé seguem o principio

do interesse; pois muitas vezes abraçamos opiniões, que nos parecem muito certas, e seguras, por não reflectirmos em todas as suas consequências próximas, e remotas, e nos efeitos, que tem produzido em diferentes tempos, e lugares.

Esse interesse tão gabado de todos os Filozofantes não pode ser huma sancção; por que o interesse, seja de que natureza for, he hum motivo, e nunca huma sancção; pois esta deve ser invariável, e imprescriptível, a mesma para todos, e em todos os tempos ao passo que hum interesse, e hum motivo variação infinitamente segundo os caracteres, as afseções as circunstâncias os talentos, as luzes, &c. &c. E não temos a prova disto nas leis positivas, e na sociedade? O temor dos castigos, o desprezo dos nossos concidadãos, esses dous grandes motores tão elogiados pelos Filozofantes, são de huma insuficiencia at stada a todos os momentos; por que nada hì mais commum, do que escapar a hum, e a outro, se não sempre na realidade, ao menos na esperança, o que vem a ser o mesmo em seus efeitos.

E o que poderão retrucar esses Filozofantes ao facinoroso dotado d'alguma Logica, que se quizer pôr ás rãs com S. Ss., servindo-se dos seus principios? Supponhamo-los em argumentos, e que o facinoroso assim falla a hum Filozofante. - Que quereis comigo? Se sois Filozófo, eu também o sou; e por tanto não nos devemos servir de palavras vazias de sentido. O que somos vós, e eu? Machinas organizadas sem se saber como, nem por quem; machinas, que hoje se movem, e amanhã cessarão de mover-se, partes em fun de hum grande todo, que não conhecemos assim coa no nos não conhecemos a uós mesmos. Tal he a vossa Filozofia, e também a minha. D'aqui se segue; que com machina organizada, eu nada devo a pessa alguma, assim como ninguem tem deveres para comigo; por que como he, que machinas hão de ter deveres reciprocos? Logo tudo quanto devo he somente a mim; por quanto embora não saiba, como existo, toda-via estou certo, que existo para mim, para a minha felicidade antes de tudo e conseguientemente o unico bem, que reconheço, he o meu, sem que importar a custa de quem

o obtenha, excepto se dahi me provier mal; porem eu sou superior a os temores; por que sou mais poderoso, e mais forte; posso matar, e roubar a este homem, assim como elle poderia fazer-me o mesmo, se estivesse em meu lugar, e nas minhas circunstâncias; mas não temo, que dele me venha mal algum; por que elle he farn miseravel - carecendo, - e ea sou Pai da Patria, e pertenci ao Batalhão ligeiro.,,

,,O que he, que me dizeis mais para me desviar deste, e d'outros propózitos? Que talvez algum dia ea venha á ficar debaixo, e me levem ao patibulo? A isto respondei-vos, que he hum fato contingente, e incerto e os laços, que agora tenho são atuaes; certos, e como me aconcelhareis, que vacille sobre a escolha? Não há cousa menos rasoável: aquelle bem esta-me presente; o mal futuro ou viria, ou não. Que mais direis? Que no caso d'escapar ao suplicio, sempre serei despresado, e detestado? Mas que me importa esse rancor, esse o dia, esse desprezo, se elles são impotentes? E por que rason hei de ser eu desprezado? Por que os maus (diseis vós) são despreziveis. E quem he esse mau?-- Aquelle que faz o mal - E quem he o homem bom? Aquelle que faz o bem - Mas eu já vos não provei, que fazia o meu bem? Há por ventura outro bem para mim, que não seja o meu? Também já vos não afirmei, que nenhum mal tinha a temer? E há para mim outro mal fira d'aquelle que outrem me pode fazer? Se pois segundo os vossos mesmos principios (e tambem os meus) não há outro mal, nem outro bem; o que vem a ser essas palavras - vicio, e virtude, - de que tanto vós, com eu, nos servimos? Não, são em realidade, se não convenções sociaes, como outras muitas; e o que vem a ser para mim convenções sociaes, huma vez que eu faço o meu bem, que he para mim o unico bem, que há, e não me possão fazer mal? Que cousa he esse desprezo, com que me ameaçais? He a opinião dos outros? E por que ha de esta opinião ser melhor, que ameaça? Se os tollos, os Religionarios me desprezam, os Filozofos, os homens d'espirito, as almas - desabusadas - me aprovam por haver eu conhecido o unico bem real, que he o meu.,,

,,Além disto, meu Filozófo, onde já vistes ser desprezado o rico, ou poderoso? Quanto eu mais souber roubar, e encher-me, mais bem traçado serei de quantos me encontrarem. E que me importão os que ea não vejo, nem conheço? Falar-me-eis em - remorsos - ? Isso he hum sonho de ladrões, e Frades fanaticos Helvecio, hum dos nossos Filozofantes, e corílio do principio do prazer, ou do - interesse, - tem sua consequentemente ensinado, que - não há outro remorso, se não

o temor: — e como eu não conheço o temor, excusado he falar-me em - temores - quinera pueril, que só pôde embarrasar a os tollis. Finalmente virtude e vicio são meras convenções humanas, são obra das leis positivas: pelo que não deveria admirar, que alguém dia o adulterio, por ex., que he vicio neste paiz, não o seja n'aquelle, e ate se torne huma virtude, &c. &c. A verdadeira Moral he o perfeito Egoismo: gozar he a Lei suprema, e cada hum cuide em enganar o outro, e desfrutar este mundo; por que acabado este, não temos outro, nem a quem deimos contas do que fizemos na vida.,

Quisera ver completamente refutados os argumentos deste facinoroso Dialectico por algum dos nossos Filozofantes. Quisera ouvir disputar com hum Logico destes os Senhores Helvécio, Barão, d'Holbach, Diderot, e o proprio J. Bentham; mas ah! os trez primeiros não poderão ver os - bons - efeitos das suas doutrinas bem claros, e manifestos na Revolução Francesa. Estou persuadido, que se elles presenciassem o como se prevalecção do principio do interesse, d. - Salus Populi, &c. os Marats, os Couthons, os Robespierres, &c. &c., horrorisar-se-ão, e recuarão adiante do seu mesmo principio,

Os que sustentão o principio do prazer, ou a doutrina do interesse, que vem a dar no mesmo, ou são Athieus, e Materialistas, ou homens deslumbrados por seductores theorias, que com quanto abracem o espiritualismo e a Religiao, não tem metidão seriamente nas terríveis consequencias desse principio. No primeiro caso está o Senhor J. Bentham, que pendendo para Materialismo como bem deixa ver em seus escriptos; por ser eminentemente Dialectico sustenta o principio do prazer, ou do interesse; por que em verdade hum Materialista, faltando em senso intimo, em consciencia, &c. he causa irrisoria. No segundo está huma grande parte da nossa Mocidade Academica.

O prazer, e a dor não podem ser norma das ações humanas; por que taes sensações varião segundo os individuos, segundo as idades, e até segundo os climas. O que causa grande prazer a hum mancero, até pode ser doloroso a hum velho: hum dicto pouco, urbano fará derramar lagrimas a huma donzella, bem educada ao passo que só á força de acóites far-se-á chorar a huma Africana. Não he assim o salutar principio do senso intimo, ou do dever. Elle he igual para todos, em todos os tempos, em todos os paizes, em todas as idades. Os usos, os costumes, as Instituições, os proprios cultos varião de paiz para paiz: mas as Nações divididas em interesses, em habitos, em sistemas, em crenças, todas convém em certos

principios geraes: entre todas he reputado criminoso o que faz a outro o que não quiserá, que este lhe fizesse: em nenhuma he legitimo o espoliar ao seu vizinho, degolar o amigo: entre todas a violencia, o rapto, o envenenamento, a ingratidão, a calunia chamâo-se crimes; a boa fé, a generosidade, a piedade filial, o sacrificio, a gratidão rechem louvores, e homenagens de baixo do nome de virtudes. A cujo proposito dizia J. J. Rousseau (que nunca foi Materialista),, Lançai os ollios por todas as Nações, correi todas as Historias: entre tantos cultos deshumanos, e extravagantes, entre essa prodigiosa diversidade de costumes, e caracteres, achareis por toda a parte as mesmas ideias de justica, e honestidade, por toda aparte as mesmas noções do bem, e do mal. O velho Paganismo produziu Deuses abominaveis, que deverão ser punidos neste mundo, como malfitores, e que só oferecão por quadro da felicidade suprema crimes, que cometer, e paixões, que contentar: mas de balde deseja da habitação eterna o vicio armado d'uma autoridade sagrada; por que o instincto moral o repelia do coração dos humanos. Quem celebrava as sensualidades de Jupiter admirava a continencia de Xenerates, a casta Lucrecia adorava a imp. dica Venus, o intrepido Romano sacrificava ao Môro; elle invocava o Deos, que mutilou a seu pai, e morria ás mãos desse sem profissio huma só queixa. As mais miseraveis Divindades forão servidas pelos maiores homens. A santa voz da Natureza mais forte, que a dos Deoses, fazia-se respeitar sobre a terra, e parecia desterrar para o Ceo o crime, e os criminosos.,

Hum principio normal he mesmo que hum principio regulador: e não he para rir, que o prazer, ou o interesse seja a norma, por onde devemos regular, por ex., as nossas paixões? Logo talo consistirá na medida; e assim a cubica terá a sua medida, o adulterio terá a sua medida, a luxuria, a erupção, &c. &c.

Finalmente o que faz a questão, que nos oceupa, o exemplo de factos criminosos praticados por homens, que seguirão o principio da consciencia? A que veem a historia da Inquisição, e das guerras por motivo de Religiao? Estes homens, obrazão por erro d'entendimento, ou de proposito deliberado: no primeiro caso não tinham consciencia certa da sua ação, no segundo obrazão mal a pesar da propria consciencia, talvez levados do principio do interesse, por que os que sustentão a doutrina da consciencia não pertendem destruir a liberdade: mas se o homem ainda regido pelo senso intimo, cuja sancção rezide no soberano poder do criador, muitas vezes deixa-se arrastar das paixões,

e faz a dormecer esse argos vigilante, e inexorável; o que fará aquelle que só tem por norma das suas accções o mui vago, e variável principio do interesse?

O senso intimo não se explica pelo senso intimo, círculo vicioso, que figurou o Sr. Academicº para combater as minhas ideias a este respeito: o senso intimo he huma Lei primordial da natureza moral, assim como a gravidade he huma Lei da natureza fizica: o senso intimo explica-se pelo consenso de todos os Povos, em todos os tempos, e circunstancias, o que aquivale à vontade do mesmo Deos: logo he huma entidade tão real, como he a existencia do genero humano. Não he assim o interesse, ou o prazer - que he huma abstracción, e tão variável quanto são variaveis os temperamentos, as idades, os talentos, &c. &c., e acrescentando-lhe o epitheto de bem entendido ainda pior; por que o interesse será bem, ou mal entendido conforme a maneira de pensar de cada hum.

Quem segue o saudável principio do senso intimo não pode conscientemente aprovar o infame commercio d'escravaria; por que aquelle lhe brada d'entro d'alma, que todos os homens são iguaes em qualidade de homens, que todos somos irmãos, e filhos do mesmo Pai commun, que he Deos mas o seguidor do elastico, e multicolor principio do interesse bem pode metter-se em calculos de utilidade, e dizer por ex., o preto na Costa d'Africa tem huma sorte muito mais dura, muito mais infeliz, do que sendo captivo entre nós: logo captiválos he do seu, e nosso interesse, &c.: e quantos Escriptores não tem argumentado assim para legitimar esse trafico detestável!

A isto dirá o Senhor Academicº -- Estes homens errão o calculo d'Arithmetica Moral --: mas o mercador d'escraves, o fabricante de assucar respondem-lhe, que não; continuão a mercadejar em carne humana, e sede lá juiz com taes mordomos! O Senhor Academicº, aterrado ao seu Bentham, reduz toda a Moral a calculos Arithmeticos d'interesse: e não encherá as infallíveis consequencias deste seu principio? Se toda a Moral deve ser huma calculo, segue-se irremissivelmente, que a mor parte

do genero humano, incapaz desses calculos, não deverá ser punida por suas más accções. O ladrão dirá errei o calculo, o assassino dirá: errei o calculo: o traidor, errou o calculo: todos dirão -- Não alcançamos mais, os nossos talentos não chegão para o acerto dessas Arithmeticas: se há erro em nós he d'entendimento, erro invencível para muitos de nós: e como pretendes punir-nos? Unde existe esse tribunal indefectivel, ao qual se recorra em ultima instancia para se saber, se o tal calculo he, ou não exacto? Se tal tribunal não existe, segue-se, que esses calculos tem de ser feitos por cada individuo segundo a sua razão; pelo sabio, pelo ignorante, pelo moco, pelo velho, homem casado; e pelo sensual, pelo cidadão pacífico, e pelo ladrão, pelo assassino, &c. &c. Se taes são infallivelmente os Arithmeticos da Moral, pode-se asseverar, e até apostar, que os calculos não de sair mui diversos, e alguns diametralmente oppostos; e nenhum he culpado; por que cada qual fez o seu calculo, como podia, e sabia. Que excelente Moral para toda a especie humana! Que Moral tão agradável a os espertalhides, e bons calculistas! Talvez seja esta a Moral dominante do nosso Brazil; por isso vai elle uma maravilha.

A final resumirei as minhas ideias, dizendo, que o senso intimo he h'uma Lei universal o interesse he a penas hum motivo para obrar: o senso intimo tem por sancção a vontade de Deos, manifestada no coração de todos os homens, o interesse não tem outra sancção mais, do que o juizo privado, o modo d' pensar de cada hum; o senso intimo he hum facto humano, conhecido em todos os tempos, e lugares; o interesse não passa de huma ideia abstracta; por que em realidade não existe interesse geral, comum, e invariável para toda a especie humana: o principio do senso intimo vai de acordo com qual quer Religião; o principio do interesse segregá o homem da dependencia de Deos, e falso considerar a Religião, como mera instituição humana: o primeiro tem sido a doutrina de todos os Filozofos, espiritualistas, e Religionários, o segundo he a base de toda a Moral e Politica dos Ateos, e Materialistas.